

Fantasia filarmónica (9)

A mítica Sr.ª da Pena

*Adérito Silveira

Todos os anos a Sr.ª da Pena faz o milagre de levar ao recinto milhares de romeiros, cheios de fé, respeito e comoção pelos impressionantes andores que em cada ano tentam subir mais alto, impondo-se em ornamentações fulgurantes, geradoras de uma estupefacção absorvente.



Santuário mítico e de festa, sobretudo pelo tradicional desempenho de duas Bandas históricas da região que todos os anos esgrimem argumentos artísticos na disputa de um troféu simbólico atribuído pela ruidosa manifestação do público através da efusão de palmas e comentários. Nesta romaria as bandas dão o máximo! Há reincidências e emoções, na nobreza de atitudes e no aprimorar profissional das colectividades de música. As bandas vibram em notas que chegam a todos os recantos do recinto. As claques organizam-se num frenesim

entusiasmante, gritando sons sem nexos mas reveladores de uma alegria estonteante. Cada claque, segue ruidosamente a sua banda até ao coreto, num cortejo quase que “animalesco”, indescritível num júbilo que enlouquece! Em 1970, e mais uma vez Mateus e Sanguinhedo vão por à prova todas as suas capacidades, engenho e arte, num recinto mágico de fusão entre o profano e o religioso, com o beneplácito da Santa que a todos dá a sua bênção.

Senhora da Pena. Lugar de culto: um lugar talismã de incontáveis e fabulosas histórias. O Padre Fernando faz uma homília galvanizante, pregando a fraternidade entre os homens, incitando os fiéis à caridade e ao perdão (...). No final das suas palavras algumas lágrimas fáceis correm pelos rostos de quem sabe escutar a Palavra de Deus na voz de um orador famoso na região.

A procissão, é única como espectáculo e proclamação de fé. Os andores são levantados e levados por muitas dezenas de homens num carrossel de emoções que se transmitem a toda uma multidão que caminha compassada e fervorosamente atrás das bandas de música. Caminha-se na resignação da fé e das orações. Espectáculo único. Os andores ao serem levantados, proporcionam à multidão o ovacionar estrépito de palmas, reconhecendo a coragem de quem pega nos andores, tão assombrosamente altos e magníficos de beleza. Depois de cumprido este acto religioso, o povo vira-se para os coretos onde Mateus e Sanguinhedo, vão exhibir algumas obras musicais. Um singular povo que não dispensa os mais desassombrados comentários. A agitação cresce à medida que a hora do arraial se aproxima. Arraial em jeito de maratona que se prolongará até quase ao nascer do Sol. Vivem-se momentos de grande ansiedade e até algum nervosismo. As claques disciplinadamente tomam posições, procurando um lugar que lhes garanta uma boa audição. Em ritmo alucinante, as bandas tocam uma após outra, quase não dando tempo a que as palmas se façam ouvir pela claque opositora. Às três da manhã já faz falta um café para despertar... e ao saírem do coreto já a Esperança Fonseca, eufórica e de sorriso nos lábios brada alto para os músicos de Mateus: “hei malta tenho aqui já prontinho um cafezinho que vos vai aquecer a alma.” Continuando feliz e bem-disposta, ataca: “Os de Sanguinhedo estão a levar uma valente coça...ah! eles nem se endireitam...” confidenciava a Esperança aos músicos de Mateus que chorava ao ouvi-los tocar e que tinha um carinho muito especial por todos...

O café era de facto um bálsamo para quem o tomava servido por uma mulher de paixões e afectos. Outras vezes para afugentar o sono, alguns músicos corriam atrás uns dos outros atropelando-se nas suas infantilidades e alegrias. Era o caso do Zé Bernardo, que imprevisível e sorrateiramente disparava contra o Zé Luís Raposo certos e inofensivos pontapés. A resposta não se fazia esperar, e a medida era aproximadamente igual. Os intervalos, eram pois momentos de recreio e de sanidade mental. Este quadro jocoso propagava-se a outros elementos, onde a solidariedade coexistia criando-se os ingredientes para que os músicos se mantivessem em boa forma até ao derradeiro minuto. Nos momentos mais hilariantes desses convívios, Mestre Queirós, sempre complacente, sorria discreto em cima do coreto enquanto distraidamente deixava cair o chapéu repetidas vezes.

Cinco da manhã. Sente-se a exalação de uma poeira que no ar cria toda uma atmosfera involuntariamente estranha. O quebranto dos corpos adormecidos vai criando uma desordem dominante em todo aquele mundo vivo que ainda resiste no recinto. A

música, como suave feitiço, impõe-se. Um homem desajeitado e cambaleante, abeira-se de uma mulher idosa e adormecida questionando-a ironicamente: “A menina dança?” Inesperadamente a mulher, em estranhos movimentos, espevita-se e prontamente levanta-se agarrando-se ao velho rodopiando-se como se tivesse vinte anos. Ao fim da terceira volta caem os dois, gemendo a velha com o peso do homem, lamentando-se o homem do fracasso da odisseia.

Já no final do concerto, Mateus finaliza com a “Marcha do Carrilhão”. Rompem os primeiros raios de luz, enquanto alguns olhos fervem em lágrimas pingos de comoção.

*aderito.silveira@hotmail.com